

## Conclusão

### Abertura de Caminhos

A pesquisa sobre o princípio fundamental, *Grundprinzip*, do conceito “Reino de Deus”, a saber, a alteridade ontológico-relacional do ser humano todo, do cosmos todo e de Deus como todo, presente na teologia de Leonardo Boff fora importante por diversos fatores. Nessa caminhada, pudemos fomentar a construção, ainda por completar, de uma hermenêutica que considere, por um lado, a multiplicidade presente nos primeiros anos de seu labor teológico e, por outro, sua indelével *Condição Limite*. Através de algumas pistas e considerando a diversidade do *Espírito da Época e do Contexto Vital*, arriscamo-nos em denominar essa hermenêutica de *princípio da unidiversidade*. Esse trabalho levou-nos a perceber que, no período delimitado por nossa pesquisa, isto é, 1963-1977, sua teologia deveria ser abordada à luz de princípios e menos pelo viés sistemático. Ou seja, propusemos a existência de uma unidade na diversidade da Totalidade.

Essa diversidade presente na base de sua teologia refere-se ao fato de que L. Boff dialoga com os principais expoentes das pesquisas sobre cristologia na Europa e importantes pensadores das ciências humanas. Esse diálogo acontece através de apropriações, críticas e com a construção de uma nova leitura a partir de sua forma peculiar, por vezes inédita, de compreender a vida e narrá-la em versos de teologia. Muito desse ineditismo teológico se deve à convivência de duas realidades antagônicas em sua existencialidade, especificamente, no período de 1965 a 1974. Por um lado, com mais contundência, está a realidade européia através da *secularização/secularismo* e, por outro, com menos força, porém concomitantemente, o debate sobre a situação da realidade latino-americana já em processo de gestação antes mesmo de sua total adesão nos anos que se seguiriam após 1974. Essa diversidade mostrou-nos uma situação peculiar sobre um dos termos usados por L. Boff para definir o Reino Deus: o mesmo termo *libertação*, na primeira etapa, prioriza, ao lado

de outros, a dimensão da Totalidade do Reino e, na segunda, ele torna-se o primeiro desdobramento prático-social da alteridade ontológico-relacional do *princípio fundamental*. Destacamos que não existe linearidade entre as duas realidades, por isso torna-se imprescindível a hermenêutica do *princípio da unidiversidade*. A passagem direta aos temas presentes em sua teologia no ano de 1975 em diante compromete princípios fundacionais de sua teologia. Tais princípios são construídos, prioritariamente, tangenciados pela experiência fronteiriça. Daí exaure-se, portanto, sua indelével *Condição Limite*, o teólogo da entreletra. Suspeitamos que este *modus*-fronteira de experimentar, desvelar e narrar a vida o acompanharia em sua trajetória e se tornaria, no futuro, um traço identitário de sua ampla teologia. Aspecto aberto para futuras pesquisas. Esse contexto nos permite tecer uma fragilidade presente em sua teologia nesse período. Suspeitamos que a sua adesão rápida ao tema da *libertação-opressão*, em 1974, da forma como era sistematizado no ambiente sócio-político, não permitiu que houvesse um consistente aprofundamento metodológico prévio. Isso não desmerece a envergadura de sua teologia e nem o seu lugar no cenário internacional. No entanto, algumas críticas que acenam à existência, nesse período, de uma adaptação da teologia à epistemologia sócio-analítica não podem de tudo ser desconsideradas. Para enfrentar esse dilema optamos por fomentar uma interpretação a partir da multiplicidade e da unidade.

A partir dessa matriz introdutória, isto é, a necessidade de uma hermenêutica própria para compreender sua teologia, pudemos, portanto, sugerir que o conceito de “Reino de Deus” em L. Boff, possui um *princípio fundamental* como aparece em nossa principal obra de pesquisa, *Jesus Cristo Libertador*. L. Boff percebe uma intrínseca relação entre a mensagem do Reino anunciada por Jesus, a coerência integral de sua vida em vivê-la e o seguimento das proto-comunidades de fé. O Reino é o próprio Deus se doando ao ser humano e ao cosmos, apresentando um Sentido Absoluto na vida. Esse Sentido passa, indistintamente, pela abertura, pelo encontro, pelo novo, pelo risco arriscado de nos apaixonarmos pelo semblante diferente do outro e do Totalmente Outro. Essa abertura é possível porque, a partir de Jesus, descobrimos que o

dinamismo para fora, para os outros, é condição intrínseca do ser humano e de toda a criação. É uma ontologia exaurida da vida de Jesus para-com-os-outros, em particular, os sofredores e os humilhados. Observamos que essa ontologia não brota da reflexão teórica sobre as possibilidades humanas, divinas e cósmicas. A reflexão acontece sempre como consequência da alteridade da vida de Jesus. Por isso, a cristologia é central e imprescindível nessa etapa. Entretanto, na perspectiva da alteridade relacional, ela deve ser sempre co-relacionada com a Trindade e com toda a criação.

A teologia do Reino de Deus em L. Boff possui uma nova linguagem que valoriza o símbolo, o mito, as imagens e, portanto, a experiência integral da vida. A questão principal que norteia o Reino é destrinchar o que esse mundo tem a ver com Deus (Totalidade) e o que Deus tem a ver com esse mundo (diversidade). Quais as condições ontológicas possibilitam, potencialmente, esse encontro? Quando o encontro, então, acontece, como as alteridades humana, cósmica e divina são preservadas e valorizadas (unidade)? Nesse momento, percebemos que o *princípio fundamental* do Reino, isto é, a alteridade ontológico-relacional, torna-se a unidade que, sob o dinamismo intrínseco do Reino, movimenta a história. Não haveria mais volta: o caminho de Deus estaria para sempre imbricado na história de homens e mulheres. Aos poucos, humano e cosmos descobrem que estabelecem alguma relação com algo completamente externo que, no entanto, encontra sua correspondência dentro do coração de todo ser. Logo, temos uma ética para a vida social, fundada na abertura para os outros, mas que, a partir da escatologia, não se esgota nas relações concretas ou tangenciais. Inaugura-se uma alteridade que estaria sempre se transcendendo e se reinventando a partir de cada *Contexto Vital* e de cada *Espírito da Época*.

Seria nesse ambiente que desenvolvemos a alteridade ontológico-relacional do ser humano todo, de toda a criação e de Deus como Todo. Ou seja, ontologicamente, o ser humano é constituído das alteridades intrapessoal, interpessoal, cósmico-pessoal e Transcendental. As consequências dessa alteridade são radicais para o mundo contemporâneo, pois a ética da vida e da esperança se tornaria a condição

indelével da existência. O contrário poderia ser considerado como anomalia que inverteu o sentido originário tanto da ontologia do ser humano como da sua convivência com a natureza e com o Transcendente. Essa é a razão, também, porque descobrimos a alteridade de toda criação. À luz do Reino, ela possui uma dignidade própria, cumpre um papel especial na Totalidade da criação e no projeto revelador de Deus. O Reino demonstra a forma de vida trinitária e o seu amor como elo da vida. Assim a criação é descoberta como sinal da graça, fonte desse amor autenticado na auto-doação de Deus ao mundo. Por isso, encontramos aqui as bases para uma profunda e séria discussão sobre sustentabilidade, que supere o uso do termo politicamente correto sob o *status* do fundamentalismo da ética de mercado sobre todos os setores da vida. Isto porque, a partir dessa nova proposta de alteridade na convivência, a pergunta não estaria mais posta sobre a superficialidade do ser, mas tocaria na sua raiz. Ou seja, onde brotam as inquietantes interrogações sobre o Sentido derradeiro e que o projeto de desenvolvimento e o estilo de vida atuais insistem em dissipá-las através da busca frenética de sensações circunstanciais e da criação de necessidades desnecessárias que satisfaçam esse anseio.

Neste sentido, compreendemos que o *princípio fundamental* do Reino de Deus é importantíssimo para a teologia dialogar com o projeto de desenvolvimento do mundo contemporâneo, dominado pelo *modus operandis* de estar sobre todas as coisas. Diante da crise podemos nos fechar, nos tornar arautos do pessimismo e da catástrofe. Mas também podemos arriscar em propor e seguir experimentando um novo caminho. Por esse viés, entendemos que o aquecimento global representa o ápice da crise ecológica e reflete a crise de todo sistema cultural: crise do modo de conviver de uma geração. A crise-aquecimento global revela que toda a humanidade se encontra num mesmo e comunitário barco. Ela expõe o ser humano, sem *escamoteos*, diante da pergunta pelo Sentido Último da Realidade. Frente a essa nova existencialidade eclodida com a crise-aquecimento global, todos os continentes tenderão a procurar o mesmo Sentido, agora conscientizado pelo risco eminente de uma catástrofe, o fim do planeta.

A situação vigente, à luz da alteridade ontológico-relacional e da esperança escatológica do Reino, apresenta-se como desafio. A história atual torna-se um singular momento para reinventarmos a convivência humana com os outros, com toda criação e com a sua disposição à realidade Transcendente. A partir dessa Realidade e da positividade paradoxal e complexa da vida sobre a morte e da ordem sobre caos, podemos propor uma ética da coexistência das alteridades alheias. Essa ética questionaria todo o sistema de relações que desrespeite a dignidade do outro. Aos poucos, construiríamos um amplo projeto de coexistência solidária que substituiria, paulatinamente, o vigente. Como a crise é de Sentido derradeiro, esse projeto de sustentabilidade das dignidades recíprocas tocaria nas estruturas fundacionais de nossa era. A sociedade e as instituições de formação de conhecimento perceberiam que esse tema não pode ser apêndice, mas a condição *sine qua non* para a construção de qualquer pensamento filosófico: a humanidade seria (re)ensinada e (re)inserida na complexa vida da coexistência fraterna, conflituosa e recíproca com toda a criação. Como o aquecimento-crise global reflete o ápice da crise do ecossistema, a pergunta pelo Sentido Pleno revelar-nos-ia à necessidade irrevogável de descermos à raiz do problema humano atual: a coexistência fraterna, admitindo sempre o conflito e a harmonia com toda a criação.

Portanto, podemos dizer que do interior da própria crise global, a humanidade descobria as sensibilidades que deverão ser aprofundadas para a reinvenção do novo mundo para a presente e as futuras gerações. Descobrir-se-á a espiritualidade, essencialmente, como mística de serviço, de acolhimento, isto é, do amor como a alteridade por excelência que relativizaria todo poder eclesiástico, religioso, político, social e de convivência diária. Essa seria uma das grandes contribuições da teologia e, portanto, da práxis eclesial cristã, para a construção da nova coexistência solidária na sociedade. Sendo assim, em todos os âmbitos sociais, se constatariam as conseqüências funestas que essa estrutura funcional das sociedades atuais, marcada pelo fechamento egóico e pela relativização dos outros em função do suposto desenvolvimento, causou na identidade de todo ser humano, nascido sobre auspícios desse *status*

*quo* de convivência, observado nas grandes metrópoles do mundo. Aqui, portanto, ergueríamos os fundamentos de um amplo projeto de sustentabilidade: construir as bases para que a coexistência fraterna com as alteridades alheias se torne, nas gerações seguintes, não a exceção, mas a identidade estrutural que regulamenta qualquer desenvolvimento em todas as dimensões da sociedade. Logo, não seria nada estranho se grandes descobertas, autenticadas hoje como imprescindíveis para a existência humana, fossem desmascaradas como entraves para o aprofundamento recíproco da dignidade alheia. Não seria nada estranho se, aos poucos, através da valorização de outras sensibilidades, agora percebidas como imprescindíveis ao cotidiano acadêmico e diário, acontecesse o nascimento de importantes poetas e poetizas, pintores e pintoras, musicistas, escritores e escritoras, teólogos e teólogas e, talvez, o surgimento de outras formas de arte, ainda não exploradas da imensurável capacidade criativa da ontologia do Universo e do ser humano. Não seria nada estranho, se essa nova geração começasse a se questionar e, portanto, não entender como foi possível ao ser humano se perder, estando acolhido pela dádiva gratuita da natureza e cercado pelo inesgotável Universo que aponta para o Supremo e Inenarrável Mistério, que confere Brilho, Beleza e o Sentido a toda a criação.

### **Caminhos a serem aprofundados em futuras pesquisas: conclusões em versos de proposições**

- 1) Novos estudos poderão ser realizados para ajudar na construção da hermenêutica do *Princípio da Unidiversidade*. Se realmente temos razão em nossa hipótese, a transição da realidade européia para a latino-americana mereceria maior atenção sobre os resultados em sua base teológica.
- 2) Esses ambientes multiculturais, diversos e complexos incidiriam na alma do teólogo Leonardo Boff. Aos poucos, seria gestada uma visão muito particular do mundo e da realidade circundante (*Prisma der Komplexität und Vielfältigkeit*). Nasceria um teólogo tangenciado pela observação através do prisma das fronteiras que unem e separam teoria e prática; transcendente e imante; teologia e ciências naturais; secular e religioso; conceito e poesia; ditadura e

liberdade; contextos de vida e ambientes de morte; opressão e libertação; mundo arriscado pelo fechamento e ecologia integral da abertura. A essas dualidades, poderiam ser acrescentadas muitas outras, porém não nos foi possível recolhê-las em nossa pesquisa. Por isso o denominamos de teólogo do *Limite (Seinsgrenze)* e da *Entreletra (Zwischen den Zeilen lesen)*.

- 3) A transição rápida a partir de 1974 para o tema da *Libertação* e, como consequência, a ausência de um aprofundamento metodológico para assumir um novo interlocutor, isto é, o referencial da *teoria da dependência*, colhido da sociologia e da política, não demonstraria sua vinculação teológico-fontal à consistente tradição teológica e filosófica alemã?
- 4) Uma leitura crítica que evidencia limites e fragilidades estruturais na teologia boffiana nesse período, em particular, no que se refere à adesão à *teoria da dependência*, não demonstraria também um cuidado que a teologia deva ter em sua apropriação aos recursos filosóficos e científicos disponíveis em cada período da história para entender a realidade concreta? Certa desconfiança não permitiria que elementos intrínsecos da *Revelação* fossem mais ressaltados e possibilitaria à teologia participar dos processos culturais com mais autonomia, inclusive epistemológica?
- 5) Se o tema da libertação é um dos reflexos das particularidades da Totalidade, o paradigma da ecologia, que teria prioridade no desenvolvimento subsequente de sua teologia, não poderia ser também visto como reflexo de uma mesma base fundamental? Nesse sentido, esse tema não seria abordado como originante direto da *libertação*, mas originado de uma base que antecede esse tema. Essa é uma pesquisa que certamente reabilitaria alguns de seus temas atuais como novos caminhos teológicos, uma vez que, apesar da linguagem diferente e heterodoxa, eles guardam identidade e continuidade com sua base original e fundamental.
- 6) Com as mudanças, as controversas, as releituras e, em certo sentido, o esvaziamento de pressupostos basilares da *teoria da dependência* nas escolas de sociologia e política brasileira já na década de 70 e 80, do ponto de vista metodológico, será que ainda podemos assegurar que, na mudança de paradigma na teologia boffiana, a *Ecologia* é o prolongamento ou continuidade do tema da *Libertação*? Não estaria aqui um paradoxo na teologia boffiana da década de 70, isto é, o que é visto como limitação metodológica não poderia ser interpretado como virtude, porque, epistemologicamente, o aprofundamento e o desenvolvimento

acontece com os conteúdos teológicos da base de sua formação teológica?

- 7) As pesquisas sobre a teologia de L. Boff nas áreas de sociologia, psicologia, ciências política, ciências da religião, educação e sustentabilidade não deveriam, primeiramente, receber uma séria abordagem sobre os pressupostos teológicos fundamentais que possibilitam abordagens que são aproveitadas em outras disciplinas?
- 8) Na nova configuração da sociedade, onde a teologia busca seu espaço na academia, através da teologia pública, a construção de uma teologia da alteridade, à luz do princípio fundamental do Reino de Deus, não daria mais autonomia para a teologia se firmar como pensamento científico, que critica as relações abusivas do uso poder nos contextos eclesial, econômico e social e da inserção da Igreja na política quando essa lhe concederá benefícios?
- 9) À luz de uma epistemologia que perpassa e configura a totalidade de seu pensamento científico, representado em diversas partes do mundo, L. Boff já não poderia ser alocado ao lado de importantes teóricos do século XX que possibilitaram uma discussão séria sobre a abordagem recebida pelo “Ser” na tradição ocidental? O aprofundamento do pensamento de L. Boff, que transcende a disciplina teológica, acenando veementemente para as consequências daninhas dessa teorização egocêntrica do “Ser” para a humanidade, não traria elementos novos e imprescindíveis para a construção da alteridade? A expansão do princípio fundamental (*Grundprinzip*), onde do pobre espoliado chega-se à natureza arriscada pelo modelo de desenvolvimento vigente, não colocaria L. Boff como genuíno pensador da Alteridade?

**De Leonardo Boff pra Delambre**

Re: Convite, Gratidão

De: **Iboff** (lboff@leonardoboff.com)

Enviada:terça-feira, 9 de março de 2010 22:35:14

Para: Delambre de Oliveira (delambre2@hotmail.com)

**Delambre,**

**Venho felicitá-lo pela tese que vai defender no dia 10. Lamentavelmente estou com um compromisso inadiável, recebendo estrangeiros em minha casa, de modo que não poderei estar presente em sua defesa.**

**Espero que o intenso trabalho sobre os textos teológicos lhe tenha despertado o gosto pela reflexão à luz da revelação. Eu continuo acreditando que na teologia se guarda a memória viva da chama sagrada que Deus depositou em cada pessoa. Nossa e sua tarefa é despertá-la, alimentá-la e fazê-la fecunda na vida das pessoas. É uma missão para toda uma vida, caso contrário cinsas poderosas poderão encobri-la e roubar-lhe o brilho libertador.**

**Que o Espírito nunca lhe falte.**

**Unidos na mesma missão e caminhada saúdo-o no Senhor**

**ex imo cordis**

**Leonardo Boff**